



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADE**

PAULA GRAÇA SACAVINDA

**A COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC):
UMA ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOPOLÍTICO
ENTRE 1970-1992**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

PAULA GRAÇA SACAVINDA

**A COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC):
UMA ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOPOLÍTICO
ENTRE 1970-1992**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Ercílio Neves Brandão Langa.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

PAULA GRAÇA SACAVIDA

**A COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC):
UMA ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOPOLÍTICO
ENTRE 1970-1992**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito par obtenção de título de Bacharel em humanidades.

APROVADO EM: 26/10/2018

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Ercílio Neves Brandão Langa (Orientador)

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Ceará

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Professor Dr. Bas'Iele Malomalo

Doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Professor Dr. Paulo Gomes Vaz

Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, UFBA

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.2	HIPÓTESES	10
1.3	OBJETIVOS	11
1.3.1	Objetivo geral	11
1.3.2	Objetivos específicos	11
1.4	JUSTIFICATIVA	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1	A SADC NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA	13
2.2	COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC): SUAS TRANSFORMAÇÕES	16
2.3	AMEAÇAS DO BLOCO	18
2.4	DESAFIOS DA SADC	20
3	METODOLOGIA	21
4	CRONOGRAMA	22
	REFERÊNCIAS	23
	APÊNDICE	25

1 INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa tem por finalidade compreender o surgimento do bloco de integração regional denominado de “Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral” (SADC). Analisa as origens deste processo de integração vivenciado no período compreendido entre 1970 à 1992. Tal como a região Austral de África, ao longo do tempo, a SADC passou por transformações, tendo mudado o nome, os seus objetivos, metas, etc, conforme o contexto histórico e sociopolítico.

África Austral é uma sub-região de África que se encontra localizada na parte sul do continente, também conhecida como África meridional. É banhada pelo Oceano Índico na sua costa oriental e pelo Oceano Atlântico na costa ocidental. É constituída por quinze (15) países, nomeadamente: África do Sul, Angola, Botswana, Lesotho, Madagáscar, Malawi, Ilhas Maurícias, Moçambique, Namíbia, República Democrática do Congo, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbabwe e Ilhas Seychelles, formando assim a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC).¹

A SADC surge em um período de muita tensão devido aos conflitos que assolavam a África Austral, tais como: a dominação colonial em Angola e em Moçambique, o regime de minoria branca no Zimbabwe, a Namíbia que estava sob posse dos sul-africanos e o regime racista do *apartheid* na África do Sul.²

O regime do *apartheid* na África do Sul constituía a principal ameaça à estabilidade política e militar na região pois realizava ataques e bombardeamentos a países como Angola e Moçambique, sequestrou, torturou e assassinou militantes que lutavam contra este regime em outros países africanos como Suazilândia, Angola, Botswana, Moçambique, Namíbia, Zâmbia, Zimbabwe, Lesotho, bem como em países da Europa, na Inglaterra, França, Alemanha e nos EUA (WYK, 2014).

Além dos ataques terrestres e aéreos, bem como dos atentados com bombas, sequestros, torturas e assassinatos, o regime do *apartheid* também apoiava grupos armados

¹ A SADC tem a sua sigla em inglês *Southern African Development Community*.

² *Apartheid*: significa “desenvolvimento separado”, cuja palavra provem da língua africâner falada pela minoria branca na África do Sul. O *apartheid* foi uma política de segregação racial que separava os brancos e dos não brancos, defendido pelos sul-africanos brancos, em um regime onde a violência racial, a tortura e os assassinatos eram legitimados pela lei. Teve o seu início oficial em 1948 e durou até 1992, quando o regime foi desmantelado com a realização das primeiras eleições gerais livres na África do Sul. De acordo com Pereira (2008), a ideologia da superioridade racial dos brancos sobre os negros, as diversas leis segregacionistas, as diferentes formas de exploração, bem como a expropriação de terras da população negra iniciam muito antes, no século XIX.

rebeldes que desenvolviam guerras civis em Angola e Moçambique, nomeadamente a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita) e a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) (*Idem*, 2014), fornecendo apoio logístico e militar como armas, veículos, fardamentos, combustíveis, meios de comunicação e deslocamento.

Desta forma, a SADC foi criada na tentativa de eliminar os conflitos na região, particularmente de acabar com o regime do *apartheid*, bem como tinha o desafio de encontrar possíveis soluções que pudessem contribuir para o desenvolvimento daquela região.

Para fazer frente a esses conflitos, foi necessária uma união entre Botsuana, Tanzânia e Zâmbia, já independente na época. Foi neste momento que surgiram os “Estados da Linha da Frente” (ELF).³ A ELF foi uma organização política criada em 1970, a partir de um documento informal, tendo como principal propósito a libertação política e social dos respectivos territórios para possibilitar outros avanços que a região posteriormente poderia precisar e ainda apoiando os Movimentos de Libertação Nacional (MLN).⁴ Era mais ou menos uma estratégia entre Estados que, mesmo independentes viam a sua situação política na região ameaçada pelos governos de minoria branca principalmente o regime do *apartheid* (SILVA, 2014).

A década de 1960 é chamada de “década de África” porque mais de dezoito (18) países africanos então colonizados e ocupados pela França (Argélia, Senegal, Benin, Chade, Costa do Marfim, Camarões, Burkina Faso, Gabão, Madagáscar, Maurítânia, Níger, Mali, República Democrática do Congo, Togo) e Grã-Bretanha (Nigéria, Malawi, Zâmbia, Botswana, Lesotho, Ilhas Maurícias, Somália, Suazilândia, Tanzânia) alcançaram as suas independências. Vários outros países foram alcançando suas independências ainda nesta década, por via de acordos e alguns pelas lutas armadas, como foi o caso da Argélia.

Já as colônias portuguesas – Angola, Cabo-Verde, Moçambique, São-Tomé e Príncipe – alcançaram as suas independências em 1975, exceto a Guiné-Bissau que ficou independente em 1973,⁵ após as lutas armadas de libertação nacional. Cabe aqui recordar que, a região

³ Os Estados da Linha da Frente (ELF) ou Países da Linha da Frente (PLF) eram constituídos pelos primeiros países independentes da região Austral do continente africano, sendo constituída por Botswana, Tanzânia e Zâmbia, uma iniciativa de caráter voluntário para ajudar os seus irmãos vizinhos que estavam sob o jugo colonial. Esta ideia iniciou em 1965, mas só em 1970 foi reconhecida a ELF. Países da ELF: Angola, Botswana, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia.

⁴ Movimentos de libertação nacionais, dentre os quais, Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO); a União Popular Africana do Zimbábue (ZAPU) e a União Nacional Africana do Zimbábue (ZANU) ambos do Zimbábue; a Organização Popular do Sudoeste Africano (SWAPO) da Namíbia e, o Congresso Nacional Africano (ANC) da África do Sul.

⁵ A independência da Guiné-Bissau foi proclamada unilateralmente em 24 de setembro de 1973 pelo partido PAIGC, no mesmo ano a sua independência foi reconhecida pelo pouco mais de 80 países em todo mundo, no

Austral de África onde se encontram os dois países lusófonos Angola e Moçambique, foi a última a se ver livre da colonização, para além dos problemas da África do Sul, do Zimbábwe e da Namíbia que, eram governados por minorias brancas.

Após suas independências da colonização portuguesa, Angola e Moçambique foram governados por regimes socialistas com economias centralmente planificadas, tendo apoio do bloco da União das Republicas Socialistas Soviética (URSS) e Cuba. Seus sistemas de governo consideravam a eliminação dos regimes racistas da África do Sul e do Zimbábwe, condição essencial para a paz e a estabilidade na região. Já os regimes racistas e segregacionistas da África do Sul e do Zimbábwe consideravam os governos de Angola e Moçambique, uma ameaça à sua hegemonia na região, por estes países propagarem o comunismo na região.

A localização geográfica privilegiada na confluência dos oceanos Índico e Atlântico, o forte investimento agrícola e industrial, o desenvolvimento de infraestruturas, a existência de riquezas naturais e enormes reservas em recursos minerais e energéticos como ouro, diamante, platina, carvão mineral – que eram importantes para o desenvolvimento econômico que o mundo capitalista Ocidental e das potências europeias e norte-americanas – fizeram da África do Sul o principal polo industrial e capitalista da região Austral de África, atraindo trabalhadores dos países vizinhos como Angola, Moçambique, Namíbia, Zâmbia, Zimbábwe, Malawi, Suazilândia, entre outros.

Na realidade, muitas infraestruturas desenvolvidas pelos governos coloniais nesses países visavam servir o sistema capitalista sul-africano. Exemplo disso é a região sul de Moçambique, cujas estradas, linhas férreas, pontes e portos foram construídos ligados à África do Sul, servindo também como reserva de mão-de-obra de trabalhadores para as minas da África do Sul.

De fato, Portugal, enquanto colonizador e potência capitalista sem dinheiro, tinha acordos com o regime sul-africano do *apartheid* e com o regime racista de Ian Smith, para fornecimento de mão-de-obra barata para as minas da África do Sul e do Zimbábwe. Assim, as décadas de 1960 e 1980, a África do Sul fazia parte do grupo dos dez países mais ricos do mundo, fruto da política de industrialização, de substituição das importações, investimento na agricultura, desenvolvimento das indústrias e da exploração do regime do *apartheid* (PEREIRA, 2008).

entanto, só em 1974 Portugal reconheceu a independência deste país em 10 de agosto de 1974, contudo a data oficial que se considera é a proclamada pelo partido libertador.

Entretanto, a partir de 1970, a economia sul-africana entra em crise por conta da crise mundial do petróleo que, por sua vez, afetou o preço do ouro - um dos principais produtos exportados - no mercado internacional, acertando em cheio o sistema econômico do *apartheid*. Essa crise aliada às sanções internacionais contra a África do Sul e seus produtos, irão contribuir para a falência deste regime (PEREIRA, 2008).

Com o passar do tempo, a crise econômica de 1980 gerou diversos problemas no mundo, no caso da África Austral provocou “dependência econômica” dos países vizinhos em relação à África do Sul. Segundo Khama (1981), Mandaza e Tostensen (1987) *apud* Moma (2012, p. 115), “a dependência econômica dos países da SADCC era essencialmente manifesta na insuficiência de infraestruturas de transporte e comunicação e nos baixos níveis de industrialização, comparativamente à África do Sul”.

A falta de meios econômicos e financeiros, de infraestruturas industriais, estradas e portos, levou muitos dos países da África Austral a dependerem da África do Sul para fornecimento de produtos e mercadorias, bem como a última atraía milhares de trabalhadores dos países vizinhos para as suas minas, por causa da ausência de emprego nos seus territórios. Assim, crescia a dependência destes governos em relação à África do Sul e a ameaça desta aos estados vizinhos aumentava cada vez mais.

Durante a luta de libertação contra a colonização portuguesa, Angola e Moçambique receberam apoio militar e logístico dos países vizinhos da região já independentes, tais como a Zâmbia e Tanzânia que, permitiram que os guerrilheiros do MPLA e da FRELIMO utilizassem os territórios como bases de treinamento militar e de planejamento de ataques contra as tropas portuguesas. Após conquistarem as suas independências, estes dois países irão apoiar as lutas de libertação do Zimbabwe, Namíbia e África do Sul.

Com as independências de Angola e Moçambique em 1975, os países da região Austral do continente africano e da Linha da Frente tiveram a iniciativa de criar objetivos que olhassem para a questão econômica, com o intuito de diminuir a dependência econômica em relação à África do Sul, onde vigorava o regime do *apartheid*, ou seja, uma libertação econômica.

É assim que em 1980 foi criada a Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC)⁶ que substituiu os ELF. Por sua vez, a

⁶ SADCC sigla em inglês *Southern African Development Coordination Conference*. Países membros da SADCC: Angola, Botsuana, Lesoto, Malavi, Moçambique, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.

independência do Zimbábue, em 1980, onde vigorava o regime racista de minoria branca foi um ganho para os países da SADCC.

Cabe aqui recordar que durante a luta de libertação do povo do Zimbábue, os países vizinhos como Moçambique deram apoio logístico e militar à ZANU, movimento independentista, permitindo que os seus guerrilheiros utilizassem os seus territórios como bases para realizarem ataques contra o regime racial minoritário branco de Ian Smith. Moçambique chegou a fechar a fronteira e cortar as relações comerciais com o regime, tentando sufocar a sua economia. Daí a existência de relações de amizade, solidariedade e cumplicidade entre os movimentos de libertação desta região.

Dez anos após a independência do Zimbábue, em 1990 o regime do *apartheid* é desmantelado após anos de crises, num acordo histórico entre Nelson Mandela, líder do ANC e o então presidente da África do Sul Frederick De Klerk. O fim do *apartheid* acontece após anos de recessão econômica derivada da queda do preço do ouro, que começou em 1981, reduzindo as receitas cambiais e prejudicando a lucratividade das minas. Tal queda afetou também outras matérias-primas, levando a um declínio das exportações e a desvalorização da moeda sul-africana, causando graves impactos nas receitas fiscais e nas despesas orçamentárias necessárias para manter em funcionamento a máquina do *apartheid*. Aliado a esses fatores, o isolamento cada vez maior do regime sul-africano a nível internacional e regional por conta da independência de Angola, Moçambique e Zimbábue, bem como as despesas militares e de manutenção da segurança tornaram insustentável a sobrevivência do regime sul-africano (PEREIRA, 2008).

Além desses fatores, cabe destacar, a luta dos movimentos anti-*apartheid* como o Congresso Nacional Africano (ANC), Partido Comunista Sul-africano (SPA) e o Pan-African Congress (PAC), bem como por conta das pressões da Comunidade Internacional e da própria ONU. Outro fator decisivo para o fim do *apartheid* e da libertação de Nelson Mandela e independência da Namíbia em 1989 foi a derrota militar sofrida pelos sul-africanos diante das tropas angolanas na batalha de Kuito-Kuanavale, ocorrida em 1987 à 1988, na fronteira sul de Angola. Essa derrota obrigou à rendição das tropas sul-africanas e abriu caminho para a negociação do fim do regime e da libertação de Mandela e da Namíbia, exigida pelos vencedores da batalha: Angola e Cuba.

Após o fim do colonialismo, do *apartheid*, da dependência econômica que assolava a região e da “Guerra fria”, nasce uma nova era não só para a região Austral no sentido político e econômico, mas também para toda África. Cabe recordar que, a Guerra Fria foi o conflito

entre as duas superpotências saídas da II Guerra Mundial, URSS e EUA que, tentavam influenciar politicamente e alimentavam as guerras nos países africanos, principalmente na África Austral.

Com a adesão de vários países, nasce um novo bloco regional em África Austral, mudando assim o seu nome de Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC) para a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), o maior do continente. Criada em 1992, no tratado de Windhoek, capital da Namíbia, a SADC começou a prosseguir novos objetivos, “através da integração regional - desenvolvimento económico, alívio da pobreza, promoção e defesa da paz e segurança, melhoria do nível de vida da população, reforço dos laços de afinidade, e outros” (SILVA, 2014, p. 67). Estes objetivos foram instituídos como formas de manter a união e cooperação entre os países da SADC, depois de longos anos de luta para libertação política e económica da região. Nesse contexto, conforme enunciado, haveria um processo em trânsito na institucionalização da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC). Desse modo enunciamos a seguinte pergunta de partida: **Qual o contexto histórico e sociopolítico que contribuiu para o surgimento da SADC?**

1.2 HIPÓTESES

Diante do cenário histórico, político, socioeconómico descrito acima que, caracteriza a África Austral, enunciamos como hipóteses de trabalho, as seguintes:

- A SADCC surgiu com o objetivo de combater as agressões dos regimes segregacionistas de minorias brancas – particularmente a hegemonia da política do *apartheid* sul-africano – contra os países vizinhos, mas em todo o continente africano, tal desafio criou solidariedade e cooperação entre os países do bloco.
- O alcance dos objetivos da organização, o fim dos regimes de minoria branca e suas políticas segregacionistas, o término da Guerra-Fria e a redução dos conflitos na região, tornaram-se fatores para a mudança da SADCC para um novo regionalismo chamado SADC, colocando novos desafios políticos, económicos e sociais ao bloco.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

- Compreender o contexto histórico e sociopolítico que contribuiu para o surgimento da SADC.

1.3.2 Objetivos específicos

- Analisar as transformações na África Austral que deram origem à SADC;
- Indicar as forças, fraquezas e ameaças do bloco regional SADC;
- Verificar os novos desafios da SADC, particularmente diante dos conflitos que caracterizam a região.

1.4 JUSTIFICATIVA

O continente africano passou por um longo processo de escravidão, colonização, exploração econômica e descolonização. Para se desprender do jugo colonial, viu-se necessário a criação de movimentos nacionalistas em termos políticos e militares para transformar o cenário e manter uma união entre os países. A comunidade para o desenvolvimento da África Austral (SADC) surge dessa necessidade.

A SADC constitui um bloco regional com diversidades econômicas, políticas, culturais e linguísticas, sendo que apenas dois países são de expressão portuguesa. Assim, esta pesquisa poderá contribuir para enriquecer o acervo de materiais existentes na língua portuguesa sobre esta organização, subsidiando futuras pesquisas.

Outrossim, pouco tem se falado e produzido sobre a SADC principalmente no caso de Angola e de Moçambique que, tem o português como língua oficial, temos ainda a falta de acervo, que impossibilita muitas pessoas fazerem pesquisas sobre a temática, dado o fato de existirem mais pesquisas em inglês do que em língua portuguesa. De igual modo, este tema é pertinente, pois poderá ter um papel relevante no continente africano, através dele podemos resgatar o passado da nossa cultura de forma a compreendê-lo no presente.

Por outro lado, o desenvolvimento desta temática nos ajudará a compreender as dinâmicas históricas, política, socioeconômica e militar da região Austral de África. Nota-se

que está temática é indispensável e importante a nível social e académico, devido à sua relação com grande área de ciências sociais.

Um dos interesses em pesquisar o bloco regional SADC consiste no fato do seu surgimento ter sido uma iniciativa brilhante na história da África, resultante de uma união voluntária dos países recém independentes num período de muita tensão.

A ideia de escrever sobre este tema surgiu de um estudo geral sobre a União Africana (UA), dado que a SADC é um dos blocos regionais reconhecidos por esta instituição. Por outro lado, o grupo de pesquisa “África-Brasil: produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global”, tem contribuído na idealização deste trabalho. Ressalto que já tive contato com esta temática no semestre anterior no componente curricular de história, foi a temática que abordamos durante o ano.

O fato de ser africana e estudante oriunda de Angola, um dos países fundador da SADC e com papel importante na geopolítica da região, foram outras razões que me influenciaram a trabalhar essa temática, bem como a conhecer e compreender o papel desta organização regional.

Cabe ressaltar que a SADC constitui o maior bloco regional do continente africano, sendo composto por 15 países, dentre os quais, a África do Sul é o país mais industrializado não só da região, mas em toda a África. Nesta geopolítica, a República Democrática do Congo é outro país estratégico a nível mundial por conta das suas riquezas minerais, assim como Angola apresenta-se importante neste bloco por conta dos recursos petrolíferos, diamante e por ter um exército militar estruturado.

SADC é o bloco que apresentou mais conflitos político-militares no continente: os conflitos entre estados – África do Sul e Angola, África do Sul e Moçambique, África do Sul e Namíbia –, guerra civil em Angola e em Moçambique, os conflitos internos do Congo, a instabilidade política no Zimbabwe, etc. Entre estes conflitos destaque para a batalha do kuito kuanavale que envolveu o governo angolano e o sul-africano, tida como a maior e mais sangrenta do continente ocorrida no período da Guerra Fria. Terminou apenas após o acordo de Nova Iorque 1988, com a retirada das tropas cubanas em Angola e das sul-africanas na Namíbia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico, tentaremos demonstrar algumas teorias que explicam o surgimento da SADC. A SADC surge num período histórico de tensão na África Austral, caracterizado por lutas de libertação nacionais, Guerra-Fria a nível mundial causada pelo conflito bipolar entre URSS e EUA. Estes dois países tentaram influenciar os destinos políticos, sociais e econômicos dos países africanos, de modo que seguissem seus sistemas político-econômicos de governo, isto é: o socialismo e o capitalismo. Por outro lado, a SADC surge em meio ao contexto de descolonização da África Austral caracterizado pelas lutas pela independência de Angola, Moçambique, bem como de libertação dos povos da África do Sul, Zimbabwe e Namíbia dos regimes racistas brancos e minoritários do *apartheid* e de Ian Smith.

2.1 A SADC NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA

Para compreender a criação da SADC é necessário ter em conta o período da Guerra Fria. Entende-se que o conceito de “Guerra Fria” de acordo com Rodrigues (2012), é a guerra entre os soviéticos e norte-americanos, que na verdade nunca se enfrentaram diretamente em termo militares ou qualquer uso de força física.

Segundo Bissio (2015) muitos argumentam que a guerra começou no período após Segunda Guerra Mundial. Neste mesmo período havia acontecido um dos mais importantes impactos políticos a nível dos países do dito Terceiro Mundo, refere-se a Conferência de Bandung, na Indonésia.⁷ Durante este ato político, as nações que tinham conquistado as suas independências e outras que estavam em vias de obtê-la, juntaram-se para tratarem de si e dos problemas que lhes diziam respeito. Neste sentido, Rodrigues (2012) afirma que:

A Guerra Fria, no entanto, não começou automaticamente com o final da Segunda Guerra Mundial. O provável antagonismo entre os modelos político-econômico e ideológico representados pelos Estados Unidos e pela União Soviética foi se consolidando nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial (RODRIGUES, 2012, p. 82).

Por outro lado, este conflito passa do primeiro mundo e vem mergulhar no terceiro mundo. Conforme Jamine (2009, p. 38), a “Guerra Fria se desloca para o terceiro mundo e o

⁷ Conferencia de Bandung: foi um encontro entre os países asiáticos e os africanos realizado na Indonésia entre 18 e 24 de Abril de 1955. Com finalidade baseava em manter a cooperação econômica e cultural entre os estados afro-asiáticos.

continente africano passa a ser incluído como um campo privilegiado de embate”. Evidentemente este conflito deixou de ser do EUA e da URSS e passou a ser dos africanos por um determinado tempo.

Durante o período colonial a África Austral foi a região mais tensa do continente. A partir dos anos 70 do século XX, os conflitos da região estavam ligados a Guerra Fria, as duas superpotências Estados Unidos e a União Soviética apoiavam os países da região que estavam ao seu lado do ponto de vista ideológico. A URSS e os ELF apoiavam os movimentos de libertação, ao passo que os governos de minoria branca na região eram apoiados pelo EUA, que temia que o comunismo tomasse conta do local. Tais disputas entre as duas potências mundiais levaram a ações militares destes últimos contra os países da região que sendo independentes apoiavam os Movimentos Libertação Nacional – MLN. Para além disso, o intuito dos sul-africanos era de expandir o *apartheid* na região, e os mesmos viram o comunismo como um obstáculo para isso, portanto resolveram enfrentar e combater a ideologia comunista como forma de permitir a propagação política do *apartheid* na região Austral (WYK, 2014).

As superpotências influenciaram tanto nos assuntos políticos e estratégicos dos países do “Terceiro Mundo”, ambos sempre desejavam estar acima um do outro, é evidente que esses interesses provocaram desentendimentos, principalmente no caso da África Austral, cujos impactos para região colocaram os filhos da mesma pátria em confronto.

Os exemplos paradigmáticos foram o de Angola e de Moçambique, logo após a suas independências em 1975 que, mergulharam em guerras civis que só terminaram no ano de 1992 em Moçambique e 2002 em Angola.⁸ Ambos os conflitos tiveram influência das duas potências mundiais envolvidas na Guerra Fria, que apoiavam os movimentos de libertação nacional, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) tinham o apoio da União soviética.

Ao falar acerca do MPLA e a Frelimo, Silva (2017) afirma que esses movimentos assumiram a ideologia socialista fundamentada do Estado no marxista-leninista nacionalista. Mantiveram aliados externos (URSS, Cuba e Alemanha Oriental), o apoio ajudou o

⁸ Tal como em Moçambique, a guerra-civil angolana terminou em 1992, com o acordo de paz de Bicesse entre o Governo do MPLA liderado por José Eduardo dos Santos e a Unita de Jonas Savimbi, sob mediação da ONU que, culminou com a realização das primeiras eleições gerais multipartidárias no país. Entretanto, houve discordância em relação aos resultados das eleições, nas quais, tanto o MPLA e a Unita reclamavam vitória. Assim, no mesmo houve retorno ao conflito armado que, só terminou no ano 2002, após a morte de Savimbi em combate. Portanto, houve um curto período de paz em Angola no ano de 1992 que, durante o processo das eleições.

movimento não só durante o período da guerra civil, mas também para a independência nacional. Os soviéticos ajudavam o FRELIMO no setor agrícola e industrial e o MPLA no setor militar durante o período civil.

É necessário realçar que, o apoio soviético ajudou o MPLA durante a batalha de Kuito Kuanavale⁹ diante da agressão sul-africana, enquanto que, do outro lado, movimentos como a FNLA e a UNITA “permaneceram vinculados a identidade particularistas e angariaram apoio de EUA e China” (SILVA, 2017, p. 211), sem esquecer países aliados ocidentais.

Já no próprio continente africano, a UNITA e a FNLA receberam apoio do Zaire¹⁰ e da África do Sul que, forneciam material militar e suporte financeiro, segundo Menezes e Penna Filho (2006, p. 159) neste complexo cenário, a África do Sul e EUA apoiavam a RENAMO em Moçambique que, também tinha o apoio do regime minoritário branco de Ian Smith na Rodésia do Sul¹¹.

Observa que a Guerra- Fria foi dos fatores externo que provocou desestabilidade na região Austral, e isso afetava as populações e desfavorecia a política e a economia dos países, e ainda tendo a política do *apartheid* como fator interno, com a sua ingerência provocando guerra e desequilíbrio na região, conforme descrevem Menezes e Penna Filho (2006):

O cenário da África Austral, portanto, foi marcado por grande instabilidade durante pelo menos trinta anos, de 1960 ao final dos anos 80. Esse período coincide com a Guerra fria e certamente as ingerências da bipolaridade exerceram influência nos rumos políticos da região. Contudo, o fator mais importante de desestabilização regional certamente se encontrava na própria África Austral. Sem embargo, a República da África do Sul, sob governo de minoria branca, foi o principal instigador e financiador dos conflitos internos existentes nos países vizinhos, como Moçambique, Angola e Zimbábue. Os sul-africanos sentiam-se cada vez mais cercados por Estados governados pelos próprios africanos, que haviam feito a opção alinhamento com o bloco socialista- na verdade, as circunstâncias hostis os empurraram nessa direção. A maneira encontrada pela África do Sul foi, então, promover a desestabilização desses países, praticamente inviabilizando os novos governos (MENEZES e PENNA FILHO, 2006, p. 159).

⁹ Batalha do Kuito Kuanavale, foi o nome dado ao conflito militar que ocorreu no sudeste de Angola propriamente na província do Kuando- Kubango, no período da Guerra Fria na região da África Austral e da guerra civil em Angola. Conflito que ocorreu em 1987 à 1988 onde teve o confronto entre as forças armadas, de um lado as FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola), o MPLA e a CUBA e do outro lado os sul-africanos e a UNITA, neste conflito também teve o envolvimento das duas superpotências EUA e a URSS que contribuíram com o conflito. Com o acordo de Nova Iorque assinada a retirada das tropas Cubanas de Angola e das Sul-africanas na Namíbia tendo como base a resolução 435/78 implementada pelo conselho de segurança da ONU em 1988, que trouxe a independência a Namíbia, o fim da guerra fronteiriça sul-africana, do *apartheid* e a redução dos conflitos na região.

¹⁰ Zaire, atual República Democrática do Congo (RDC)

¹¹ Rodésia do Sul, atual Zimbábue

Sendo assim, historicamente a criação da origem da SADC encontra-se ligado ao período da Guerra Fria, nota-se que tanto o *apartheid* como o conflito bipolar não só tornaram fatores de ingerência e instabilidade para região, durante trinta anos, propriamente nos anos 1960 e finais de 1980, mas também contribuiu para o surgimento do bloco, ou seja, o *apartheid* foi um dos grandes desafios que provocou conflito nos Estados e impedia a libertação da região, esse se tornou uma das suas prioridades e levou os países da região a unirem-se e lutar contra esse gigante hegemônico que estava contra a União Soviética que apoiava os países da região ligados a sua ideologia socialista.

2.2 COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC): SUAS TRANSFORMAÇÕES

Quando estamos a falar de “Comunidade” como a SADC, segundo Cistac (2008) “Uma ‘Comunidade’, pressupõe finalidades gerais que por natureza congregam-se na finalidade política da organização” (CISTAC, 2008, p. 9). Tal nota-se na SADC, comunidade esta que, o objetivo político sempre estava englobado na sua dinâmica, desde o seu surgimento. O conceito “Integração” também faz parte desta Comunidade, pois esta noção constitui um assunto de discussão há muitos anos. Nesse contexto, segundo Kah (2016, p. 158-159) “Julius Nyerere defendia com toda a força a necessidade de se atingir uma unidade continental por meio de blocos regionais”. Esta percepção de bloco ou integração regional é mais uma forma de criar estratégia de desenvolvimento. Entretanto, hoje existem diversos blocos regionais, em toda a parte do mundo, com os seus próprios objetivos e metas. A África Austral não está fora da integração. A este propósito, MENEZES; PENNA FILHO (2006) argumentam:

A iniciativa da formação de um bloco regional na região da África Austral esteve intimamente relacionada a fatores específicos vinculados à questão da República da África do Sul, que adotou, até bem pouco tempo atrás, política baseada no *Apartheid* e que significava ameaça real aos estados africanos geograficamente mais próximos (MENEZES e Penna FILHO, 2006, p.158)

No entanto, o regime segregacionista e racista do *apartheid* se tornou o principal motivo para integração na África Austral, que começou em 1970 com ELF. Não obstante a Guerra Fria, este movimento, como escrevem Schuck, Soares e Fetter (2010, s/p) “na década de 1980, os “Estados da Linha de Frente” formam a SADCC numa tentativa de desenvolver a

região quanto a soluções das questões básicas de infraestrutura e economia sem a interferência da África do Sul”.

Esta mudança ocorreu após as independências de Angola e Moçambique e posteriormente a do Zimbábue. É necessário, considerar que este foi o período de crise econômica que provocou dependência econômica para os países da SADCC com relação a África do Sul. Assim, fica claro, como fundamentam Mandaza e Tostensen (1994, p. 3) *apud* MOMA (2012, p. 113) que a origem da SADCC está ligada a fatores internos, que ajudaram a unificar a região na primeira instância com a solidariedade política e a cooperação econômica, tendo em vista também alguns elementos como limites geográficos, a história, o contexto sociocultural, experiência colonial, bem a aliança dos Estados da Linha da Frente, e sem esquecer o regime segregacionista *apartheid*. Deste modo é este mais um fator que está na base para nos entendermos o contexto do bloco na África Austral.

O propósito do SADCC era a libertação econômica em toda a região bem como desenvolvimento dos mesmos, criar maneira de cooperação a nível agrícola, industrial, energia, comercio turismo, mineração e recurso humanos (MENEZES e PENNA FILHO, 2006, p. 159-160). Porém essa unidade não se fazia sentir, pois muitos dos países que constituíam o bloco como: Malawi, Botsuana, Suazilândia e Lesotho mantiveram relações econômicas com os sul-africanos, por ser o país desenvolvido, e isso tornou-lhes dependente da África do Sul (SILVA, 2017).

Vindo todos esses argumentos da origem da SADCC antecessora da SADC, é necessário termos em conta a intervenção do ocidente na criação deste bloco. Como Amin (1987, p. 8) *apud* MOMA (2012, p.111), descreve “a SADCC não foi apenas uma iniciativa dos Estados da Linha de Frente. Ao contrário, houve um encorajamento forte dos países ocidentais que desejavam tornar a região mais ligada ao ocidente”. Ou seja, a SADCC criado pela ELF, desde a sua existência para prosseguir com os seus objetivos de cooperação foi necessário a ajuda financeira de fora, pois os mesmo não tinham condições econômicas para enfrentar o regime do *apartheid* e continuar com o projeto, como destaca Murapa (2002 p.159), “Durante a década de 1980, a SADCC garantiu, efetivamente, o investimento internacional, particularmente nos setores de transportes e comunicações[...]”.

O bloco é conhecido por muitos autores como a primeira forma de integração da África Austral, e mais tarde se tornou na atual SADC. A nível interno surge, após a independência da Namíbia em 1990 e a queda do regime do *apartheid* na África do Sul.

Quanto ao nível internacional, conforme Silva (2017, p. 192) “o desmantelamento da URSS abria espaço para instauração de uma ordem liberal que não admitiria a continuidade do regime segregacionista do *apartheid*”. Ou seja, essa queda trouxe mudança para região.

Autores como Döpcke (1998) *apud* Schuck, Soares e Fetter (2010, s/p) enfatiza que o fim do fator Guerra Fria, da política de desestabilização *apartheid*, bem como do conflito entre Angola e África do Sul, contribuíram para transformação da região e do bloco.

Nesta mesma linha de pensamento, Rodrigues (2012) afirma que com a crise político-econômica do bloco socialista em 1980, a queda do Muro de Berlim em 1989 e o desmantelamento da União Soviética em 1991, a URSS não conseguiu sustentar a competição tanto a nível econômico como militar com o EUA e seus aliados. Isso levou a sua desestabilização, dando origem a uma nova ordem internacional capitalista, democrática liderada pelo EUA, a potência vencedora.

Parte dos países da SADC era influenciada pelo socialismo soviético. Após a queda do Muro de Berlim, sem alternativa, esses países adotaram o multipartidarismo e regimes democráticos. Entretanto, tais democracias não se fazem sentir na totalidade.

A Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) constitui um dos maiores blocos socioeconômicos e políticos do continente africano. É reconhecido pela UA, e é tida como uma das mais fortes organizações regionais do continente, pois a “SADC enquanto um dos braços para integração africana, a sua união política e econômica é vista como um dos pilares para o sucesso da integração continental à ênfase da questão da futura União Africana (UA)” (JAMINE, 2009, p. 9).

Ressaltar que as mudanças da nomenclatura do principal bloco da região não foram suficientes para o fim dos conflitos em seus países. Quer a ELF como a SADCC durante a sua existência lutaram para a paz na região principalmente para o fim do regime do *apartheid* que era o grande obstáculo. No entanto, não conseguiram manter a paz definitiva, mesmo com a existência da SADC a região ainda vive com muitos conflitos e desigualdade, a África do Sul ainda continua sendo uma hegemonia para a região.

2.3 AMEAÇAS DO BLOCO

Muitos autores consideravam o regime segregacionista *apartheid* da África do Sul a causa da ameaça do bloco e da região Austral do continente africano. Os sul-africanos eram apoiados pelo EUA pelo regime de minoria branca no Zimbabwe (ex-Rodesia do Sul) do

regime Salazarista de Portugal e dos movimentos de libertação UNITA, FNLA e RENAMO. De acordo com Schuck, Soares e Fetter (2010), escrevem que o regime vigorado na África do Sul tornou o grande elemento da desestabilidade criando conflitos em Angola, Moçambique e Zimbabwe, países vizinhos e membros da SADCC.

No mesmo contexto, de acordo com Menezes e Penna Filho (2006), a região Austral de África era definida por uma instabilidade política, cabendo destacar a África do Sul como o motor e financiador dos conflitos na região, bem como em países como Angola e Moçambique, onde esta interveio nas lutas de guerrilhas apoiando os movimentos opositores – UNITA e RENAMO. Em Moçambique, a RENAMO derrubava infraestruturas econômicas e sociais e deixava cada mais enfraquecida a economia da região. Essa situação de conflitos prosseguia em Zimbabwe e na Namíbia, pois eram poucos os estados da SADCC com capacidade de investimento. E ainda, além disso segundo Silva (2017, p. 247):

Pretória, concretizou, especialmente entre 1981 e 1983, seu avanço em ataques militares diretos a Moçambique desencorajar o apoio da força do ANC. Os ataques do período visavam, além da busca por membros do ANC, causar danos à infraestrutura econômica e ao suporte social do regime da FRELIMO. A RENAMO era instrumental como meio de empreender ataques, sobretudo a rotas de transporte que possibilitavam o fluxo de mercadorias da SADCC independente da África do Sul. As pressões gerariam custos que impactariam no início de uma inflexão da estratégia regional moçambicana. (SILVA, 2017, p. 247)

Nesta perspectiva, nota-se que a RENAMO com ajuda dos sul-africanos, atacava a FRELIMO que apoiava o movimento ANC da África do Sul, bem como as rotas de transporte, causando ruínas à economia do país. Tais ataques e situação de instabilidade prejudicavam a cooperação comercial dos países da SADCC que não mantinham dependência da economia em relação à África do Sul, onde vigorava a política do *apartheid*. Essa ameaça cada vez mais aumentava e a região se tornava tensa com a ingerência sul-africana, e o bloco procurando meio para tentar acabar com essa hegemonia.

Cabe aqui referir como Silva (2015), relata propriamente que nos países da SADCC exceto Angola encontrava-se economicamente na melhor situação que os outros países da região, propriamente nos anos de 1975 e 1988 foi a potência econômica da região depois da África do Sul e ainda após esta data continuou sendo um ator importante na política regional. Entretanto, a política de desestabilidade da região Austral e o regime segregacionista do *apartheid* afetava tanto a região como o continente.

2.4 DESAFIOS DA SADC

Segundo Zeca (2017, p 139) “a luta pelos recursos financeiros e naturais, bem como pelo poder político foi o que mais originou o surgimento de diversos conflitos nos e entre Estados na África”. Na região Austral este problema observava-se em Angola, Moçambique e a República Democrática do Congo que originou guerras civis. Tiveram muitos impactos negativos, e como consequência disto foi a crise de 1980, e ainda muito dos países da região sofreram consequência dos conflitos criado pelo regime do *apartheid* considerado como o mais tenso da região isso são frutos do colonialismo do europeu.

O contexto em que a SADC surge está coberto de desafio, um deles foi *apartheid*, porém alguns desafios ainda continuam, como conflitos internos em alguns países da região. Segundo Murapa:

O bloco da SADC é composto por Estados altamente diversificados em suas condições socioeconômicas e políticas. Embora todos eles se declarem democráticos, bem poucos contêm as instituições que caracterizam as modernas democracias em seus sistemas políticos, como eleições livres e justas, um judiciário independente e imprensa livre. Em muitos deles, a elite governante não tolera a oposição política e pouco respeita o sistema de leis. Em alguns países envolvidos em guerras civis, a busca de ideais democráticos obviamente tornou-se difícil. Pelo menos dois dos Estados membros, Angola e República Democrática do Congo, estão envolvidos em contínuas guerras civis que têm impedido os esforços do governo para exercer a hegemonia política em todo o território nacional. No entanto, em um esforço para alcançar a integração política, a SADC tem tido um papel cada vez maior na solução de conflitos nesses Estados. A corporação tem assumido a liderança na busca de um desfecho para as guerras no Congo e Angola, bem como para a atual crise política do Zimbábue. Angola, Namíbia e Zimbábue enviaram tropas para oferecer apoio militar ao governo do Congo contra ataques de grupos rebeldes que contavam com o apoio militar e político dos governos do Burundi, Ruanda e Uganda. (MURAPA, 2002, p.161)

Assim, como Murapa (2002) demonstra a questão da democracia no bloco da SADC ainda é muito questionada, em alguns aspectos muitos crucias como eleições, oposição política, liberdade de imprensa entre outros. Ele acrescenta ainda, que os conflitos são um dos principais motivos para os retrocessos na luta para a democracia, exemplos: as guerras civis em Angola e na República Democrática do Congo, essas guerras em geral não permitiam diálogos que dificultavam os ideais de democracia. Essas guerras foram sempre os principais opositores dos ideais da SADC que prima pela paz, democracia e a estabilidade na região.

3 METODOLOGIA

Quanto as questões metodológicas, como é de se esperar, em qualquer trabalho de caráter científico necessário de torna um suporte metodológico para orientar e organizar o andamento das pesquisas a serem realizadas, isto requer uma organização sobretudo da bibliografia e não só. No entanto, é importante demonstrar que, os métodos de uma pesquisa podem assumir diversas linhas para a realização do mesmo, como demonstra Oliveira (2011) entende-se que, a pesquisa qualitativa é como uma “expressão genérica”. Isto é, ampla, ajuda compreender atividades ou investigações singulares, particulares.

Ainda, conforme Strauss e Corbin (2008) a pesquisa qualitativa é muito vasta e complexa, ou seja, pode se referir coisas diferentes para diversas pessoas. A mesma diz respeito a assuntos relacionados como a experiências de vidas, comportamentos, emoções e sentimentos, funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais etc. No entanto, para alcançar o objetivo deste projeto será utilizada essa metodologia, escolha desse método foi pelo fato do tema fazer parte da pesquisa social, pois preocupa-se em estudar diversos fatos tais como sociais, históricos e políticos.

Além do mais, nesta pesquisa segundo Guerra (2014) o pesquisador tem como propósito, ou seja, objetivo de compreender os fenômenos a pesquisar no seu contexto social, seja eles, ações dos indivíduos, grupos ou organizações, porém levando em conta a interpretação da pessoa, ou seja, do pesquisador. Com isso, razão pela qual utilizaremos este método para compreender o surgimento da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) uma organização regional a partir do seu contexto histórico e sociopolítica propriamente do período de 1970 até 1992. Partindo disso, para a consecução desse objetivo no que concerne a coleta de dados, será utilizado como materiais levantamento bibliográfico bem como o documental, por meio de revisão de obras que abordem sobre a SADC. Na mesma linha, o meu trabalho irá seguir uma outra orientação metodológica também possibilitado pelo Trujillo Ferrari (1974, p. 230 *apud* MARCONI e LAKATOS, 2017, p. 33), que é a pesquisa bibliográfica, uma técnica de coleta de dados consiste nas fontes de documentos secundarias, refere-se a dados publicados como artigo científicos, livros, teses de doutorado, dissertação de mestrado etc. Onde o pesquisador entra em contato com o tema escrito, investigando “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”. Assim, este trabalho se baseia principalmente em documentos já elaborados, para elucidar sobre o surgimento SADC na África Austral, durante e após a colonização.

Abarca desde o período das lutas das independências de Angola, Moçambique, Zimbabwe, Namíbia, o apartheid na África do Sul, até as independências dos mesmos. E ainda, segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 33), esta pesquisa possibilita compreender tanto a resolução de um problema quanto a pesquisa de laboratório e de campo. A mesma serve como a primeira sugestão de uma pesquisa acadêmica e científica. Quanto a pesquisa documental, segundo Gil (2017), que é também uma técnica de coleta de dados, que não se diferencia tanto da pesquisa bibliográfica uma vez que ambas têm muita semelhança, mas diferentes na natureza das fontes. A bibliográfica é coletada a partir de dados secundários, constituída com documento elaborado por diversos autores, ao passo que a documental, é a fonte de coleta de dados primários, os seus documentos são elaborados, mas ainda não recebem tratamento analítico, alguns deles não são públicos como os bibliográficos, com finalidades diversas. Ciente da importância de ambas serão utilizadas na elaboração deste trabalho.

4 CRONOGRAMA

Atividades/Etapas	2019/2020			
	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Revisão bibliográfica	X	X	X	
Coleta de dados		X	X	
Análise dos dados e leitura		X	X	
Execução da pesquisa		X	X	X
Redação do projeto			X	X
Revisão e correção				X
Revisão e análise final do material coletado				X
Entrega e apresentação do trabalho				X

REFERÊNCIAS

- BISSIO, Beatriz. **Bandung, Não Alinhados e Mídia**: o papel da revista “caderno do terceiro mundo” no diálogo sul-sul. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais. v.4, n.8, jul./dez. 2015 | p.21-42.
- CAPOCO, Zeferino. **O nacionalismo e o estado**: Um estado sobre a história política de Angola (1961-1991). 2013. Tese (Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais) - Universidade Católica Portuguesa.
- CISTAC, Gilles. **Como fazer da SADC uma organização regional verdadeiramente integrada**. Trabalho apresentado na Primeira Conferência Internacional sobre Questões de Integração Regional e Direito da SADC, organizada pela Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane – Maputo - 23-25 de Abril de 2008.
- GIL, António Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GUERRA, Elaine Linhares de Assis. “**Manual Pesquisa Qualitativa**”. Centro Universitário UMA. Belo Horizonte, 2014.
- JAMINE, Elísio Benedito. **A Integração Regional na África Austral**: obstáculos e oportunidades (1980- 2008). Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Católica de São Paulo, SÃO PAULO, 2009.
- KAH, Henry Kam. **Kwame Nkrumah e a visão Pan-Africana**: entre a aceitação e a rejeição. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v.5, n.9, jan./jun. 2016 | p.150-177
- MARCONI, Maria de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**: projeto de pesquisa / pesquisa bibliográfica / teses de doutorado, dissertação de mestrado, trabalho de conclusão de curso. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MENEZES, Alfredo. da Mota; FILHO, Pio. Penna. **Integração regional**: blocos econômicos nas relações internacionais. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- MOMA, José Abel (2012). "**Reconsiderando as origens da construção do regionalismo na África Austral, trinta anos depois. Por uma leitura construtivista das origens da SADC**". JANUS.NET e-journal of International Relations, Vol. 3, N.º 2, outono 2012. Consultado [online] em data da última consulta, observare.ual.pt/janus.net/pt_vol3_n2_art6
- MURAPA, Rukudzo. **A Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC)**: rumo à integração política e econômica. Tradução de Cristina Paixão Lopes. 2002.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia Científica**: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão, Universidade Federal de Goiás, 2011. 72p
- PEREIRA, Analúcia. Apartheid: apogeu e crise do regime racista na África do Sul (1948-1994). In: MACEDO, JR., (Org.). **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 139-157.

PEREIRA, Analúcia. Apartheid: apogeu e crise do regime racista na África do Sul (1948-1994). In: MACEDO, JR., (Org.). **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 139-157.

RODRIGUES, Thiago Moreira de Souza. **Relações Internacionais**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2012. 172p.

SCHUCK, Gustavo José; SOARES, Jorge Luiz; FETTER, Natália Wulff. **Comunidade de Desenvolvimento da África Austral: evolução do comércio e efeitos no período de 1995 a 2009**. V encontro de economia Catarinense. 2010.

SILVA, Igor Castellano da. **Política externa da África Austral: guerra, construção de estado e ordem regional (África do Sul, Angola, Moçambique, Zimbábue e Namíbia)**. 1º ed. Porto Alegre: CEBRÁFRICA- UFRGS, 2017.

SILVA, Igor Castellano da. **Política externa regional de angola: mudanças frente à ordem sistêmica (1975-2010)**. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais. v.4, n.7, Jan./Jun. 2015 | p.139-172

SILVA, Lilian Mendes Ferreira da. **O Papel das Organizações Regionais Africanas no Desenvolvimento da Democracia “O Caso da SADC”**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus)– Universidade de Évora Escola de Economia Departamento de Relações Internacional, Évora, 2014.

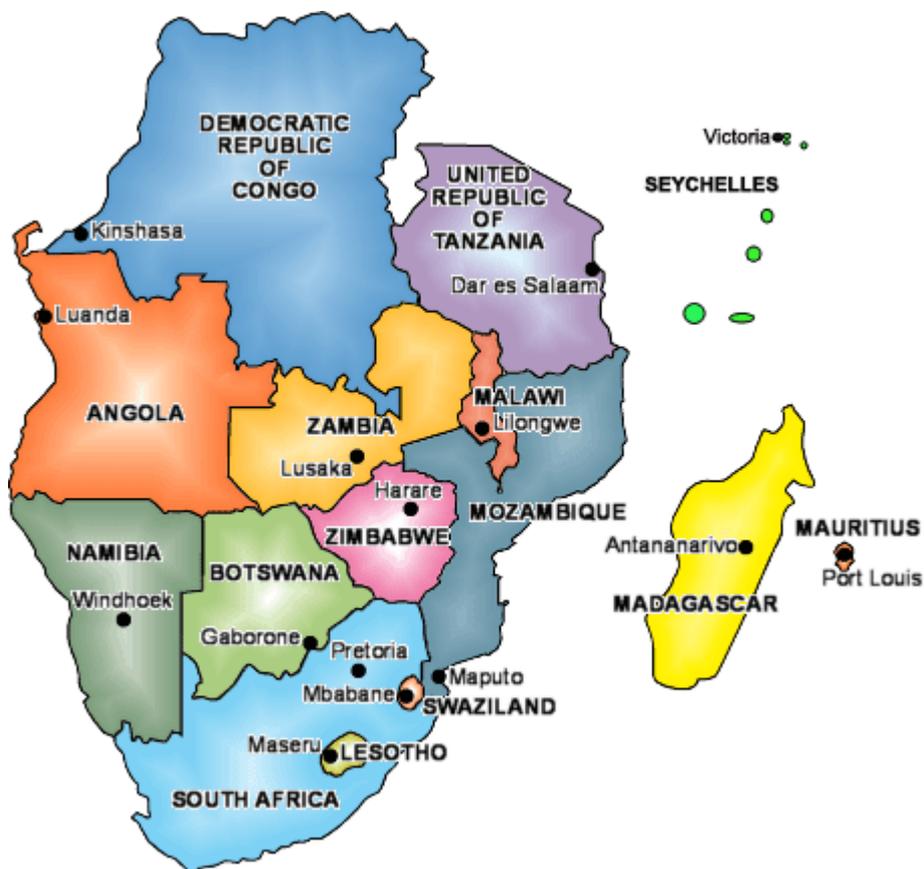
STRAUSS, Anselm e CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Tradução de Luciane de Oliveira da Rocha- 2. Ed.- Porto Alegre: Artmed, 2008. 288p. ; 23 cm.

WYK, Jo-Ansie van. **O programa nuclear da África do Sul do apartheid e seu impacto na África Austral**. Austral: brazilian journal of strategy & international relations, v.3, n.6, jul.-dez. 2014 | p.117-139

ZECA, Emílio Jovando. **Organizações regionais e processos de prevenção, gestão e resolução de conflitos em África: experiências da SADC, CEDEAO e IGAD**. Conjuntura Global, vol. 6 n. 2, mai./ago, 2017, p. 191-226.

APÊNDICE

Figura nº 1: mapa dos países membros da SADC



Fonte: Google mapa disponível em:

<<<https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+sadec&source=lnms&tbm=isch&sa=>>>

acesso em 07 de set. de 2018.

Figura nº 2: imagem ilustrativa dos países membros da SADC e as suas respectivas bandeiras.



Fonte: Google imagem disponível em:

<<<https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+sadec&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiY8u3LpYDzA4UQF1kQAAQ>
e>> >:acesso em 07 de set. de 2018